

## O PORTUGUÊS RURAL DO BRASIL: UMA VARIANTE DENTRE AS VARIANTES

MARIA FLÁVIA DE FIGUEIREDO PEREIRA BOLLELA<sup>i</sup>  
(Universidade de Franca/Universidade de Taubaté – Brasil)

JOSÉ MOREIRA GUEDES FILHO<sup>ii</sup>  
(Universidade de Franca – Brasil)

SINOPSE: O presente trabalho tem por objetivo possibilitar um contato com o português rural do Brasil em sua forma legítima. Para tanto, apresentaremos uma análise lingüística de um “causo” contado por um prosador brasileiro. Ao longo do *corpus*, encontramos várias palavras incomuns à rotina urbana e ao português contemporâneo. Tal fato vem corroborar as pesquisas de Penha (1970, 1972, 1976, 1983, 1997), que demonstram que essas ocorrências, além de serem comuns na linguagem do caboclo brasileiro, são oriundas do português arcaico dos séculos XVI e XVII. Muitas das formas utilizadas pelo prosador foram documentadas em grandes escritores do passado, como Camões, João de Barros, Fr. Heitor Pinto, Fr. Luís de Sousa e Pe. Antônio Vieira. Além do vocabulário utilizado pelo prosador, analisamos, ainda, alguns aspectos fonético-fonológicos de sua fala evidenciados por meio de processos fonológicos, tais como: o yeísmo, o rotacismo, a fuga das proparoxítonas, a aférese, a prótese, dentre outros. Tais processos, ilustrados por meio do vocabulário analisado, caracterizam, de forma exemplar, a linguagem rural brasileira. Devido ao fato do prosador ser fiel à sua origem sertaneja e transmitir, de forma consistente, a fala de seus conterrâneos, a análise do “causo” nos fornece, de forma clara, subsídios relevantes para um melhor entendimento dessa parcela lingüística do português contemporâneo.

PALAVRAS-CHAVE: Português do Brasil; linguagem rural; léxico; processo fonológico.

### Introdução

O presente artigo tem por objetivo apresentar uma análise lingüística do “Causo da Bicicleta”<sup>iii</sup>, contado pelo prosador goiano, Geraldinho.

Geraldo Peliciano Nogueira, mais conhecido como Geraldinho, foi um homem simples e tipicamente interiorano. Viveu em Bela Vista de Goiás onde sempre participava de folia de reis, dança catira, tocava viola e contava seus mirabolantes “causos”. Descoberto em 1984 por Hamilton Carneiro e José Batista, tornou-se nacionalmente conhecido por suas histórias. Faleceu em 1993, e, felizmente, muitas de suas histórias ficaram registradas em gravações e constituem, indubitavelmente, um legado que retrata a rica cultura do interior do Brasil.

Uma análise do legado deixado por Geraldinho é, ao mesmo tempo, um resgate da cultura popular sertaneja e uma possibilidade de contato com o português rural do Brasil em sua forma legítima.

São inúmeros os aspectos passíveis de análise no *corpus* selecionado, no entanto, para o presente artigo, elegemos alguns elementos que julgamos mais relevantes.

Para os falantes oriundos da zona urbana e, portanto, distantes das idiosincrasias do dialeto rural brasileiro, a linguagem apresentada por Geraldinho contém um grau de comicidade. Tentamos detectar alguns aspectos da linguagem popular do Brasil que, apesar de já terem sido detalhados por Penha (1970, 1972, 1976, 1983, 1997), Amaral (1982), entre outros, merecem ser analisados. Para tanto, efetuamos uma análise comparativa entre o vocabulário utilizado por Geraldinho e o glossário

apresentado por Penha (1997) na obra *Português rural de Minas numa visão tridimensional*: na fala, nos textos regionais, nos escritores antigos.

Para a análise de alguns aspectos fonético-fonológicos da fala de prosador, contamos com as descrições feitas por Penha (1975, 1997), Silva (1999) e Bagno<sup>iv</sup> (2005).

## Análise

Em consulta ao dicionário Houaiss (2001), encontramos o verbete *causo* como um regionalismo, variante de *caso*. Dentre as acepções apresentadas, a que nos interessa é: “narração geralmente falada, relativamente curta, que trata de um acontecimento real; caso, história, conto”.<sup>v</sup>

O “causo” segue uma tradição caipira e sertaneja, próprias do Brasil. Sempre está acompanhado de fortes traços orais e de um vocabulário tipicamente interiorano. A esse respeito, podemos dizer que, tanto no que se refere aos aspectos fonéticos quanto na escolha vocabular, a linguagem rural adotada por Geraldinho, além de despertar curiosidade e atrair a atenção do ouvinte, confere um grau de veracidade ao “causo” narrado.

No “Causo da Bicicleta”, é necessário um certo conhecimento da fala regional de Goiás e um alto grau de familiaridade com a linguagem rural do Brasil para que haja entendimento por parte do ouvinte.<sup>vi</sup>

Embora a linguagem seja um tanto inacessível para o homem urbano, algumas palavras acessíveis ao ouvinte não especializado trazem a pronúncia distinta da prevista pela norma culta (é o caso de *muié*, *istamu*, *bicicreta*, etc.). Sendo assim, no “causo” analisado, o prosador tem um público específico, isto é, familiarizado com a linguagem e com o universo tipicamente rurais.

É possível encontrar, na fala do prosador, uma rica gama de aspectos fonético-fonológicos que caracterizam a linguagem rural do Brasil. Para exemplificar os processos encontrados ao longo do “causo”, utilizaremos as pesquisas realizadas pelo filólogo e pesquisador da linguagem rural brasileira, João Penha e a teoria exposta por Bagno (2005) em seu romance sociolinguístico *A língua de Eulália*. O livro de Penha, *Português rural de Minas numa visão tridimensional*, traz uma rica pesquisa de campo feita no interior de Minas Gerais a qual registra não só palavras usadas na linguagem popular, mas também a ocorrência dessas em textos de literatura regional e do português antigo. Já a novela de Bagno consiste em mostrar a pluralidade de nossa língua e quebrar o preconceito existente em torno das variantes não enquadradas na norma culta do português. Bagno, de maneira didática, explica e exemplifica alguns processos fonológicos.

Encontramos, ao longo do texto, várias palavras incomuns à rotina urbana e ao português contemporâneo. Porém, Penha (1997: 14) nos mostra que essas ocorrências, além de serem comuns na linguagem do caboclo brasileiro, são oriundas do português arcaico dos séculos XVI e XVII.

Depois dessa pesquisa, temos certeza de que muitas formas da fala popular estão nos textos regionais e podem ser documentadas em grandes escritores do passado, como Camões, João de Barros, Fr. Heitor Pinto, Fr. Luís de Sousa e Pe. Antônio Vieira.

Destacaremos abaixo algumas palavras, extraídas do “causo”, que certificam e exemplificam o estudo mencionado acima.

### Premera (primeira):

“He he rapaiz, e a topada minha cu’essa tal bicicleta a *premera* vez m’isfolô tudo.”

No vocábulo *premera* ocorrem dois processos fonológicos, se comparado à sua forma atual: uma monotongação (ei > e) na segunda sílaba e uma assimilação da vogal da primeira sílaba pela vogal da segunda sílaba (i > e), daí *premera*.<sup>vii</sup>

Agardecer (agradecer):

“Aí eu *agardici* eis tuuudo. Falei: teve bão.”

O vocábulo *agardecer* retrata um caso de metátese em relação à sua forma atual *agradecer*.<sup>viii</sup>

Luitar (lutar):

“Quando eu passei pro lombo dela, ela tornô a refugá e eu maniei de novo e eu luitei lá até iscurecê, ela num andô desse tanto. Ficô puído lá onde eu aninhava.”

“Aí, furei ele, tirei um, puis no beijo e chamei a binga nele e tornei a muntá e tô *luitanu*. Uma hora num barranco, ota hora noto e em vô.... Aquela peleja.”

A forma *luitar* apresenta uma ditongação (u > ui) em relação à forma atual.<sup>ix</sup>

Maginar (imaginar):<sup>x</sup>

O vocábulo *maginar* foi pronunciado diversas vezes pelo prosador, exercendo, na maioria das vezes, a função de preenchedor prosódico. Note-se que, além da aférese do *i*, na fala do prosador, ocorre a *síncope* do *g*, o que nos leva à forma *mainar*. A expressão preenchedora *eu mainei* foi registrada catorze vezes durante a narração. Vejamos algumas ocorrências:

“...me deu um ripindimento, *eu mainei*, esse trem num presta.”

“Aí, eu *mainei*, danô.”

“...tinha uma curva, *eu mainei*, na curva eu num dô conta de fazê, eu vô dento do rio.”

“E aí, nós já ia cheganu no mata-burro, *eu mainei*, aí nós vamo marrotá e eu disacupo a mão pra acudi.”

“E eu oiei no istamu, *eu mainei*, uai num tinha botão de camisa...”

“Aí, *eu mainei*, ah é um toco certo que eu bati im riba dele.”

Penha (1975, 1997) nos proporciona, além de um estudo do léxico, o estudo dos processos fonológicos nele envolvido. No “causo”, encontramos inúmeros vocábulos que ilustram tais processos e que caracterizam, de forma exemplar, a linguagem rural brasileira. As tabelas 1 e 2, a seguir, trazem uma lista desses vocábulos, classificados por processo. Note-se, portanto, que alguns vocábulos, apesar de terem sido mencionados uma única vez, apresentam mais de um processo fonológico.

Tabela 1

| Aférese      | Síncope    | Apócope | Rotacismo | Yeísmo  | Redução | Fuga das proparoxítonas |
|--------------|------------|---------|-----------|---------|---------|-------------------------|
| Rançava      | memo       | baratim | bicicreta | óia     | e > i   | épca (época)            |
| ripindimento | tamém      | afiadim | cramura   | muié    | isfolô  | sabdo (sábado)          |
| dministrá    | exprementá | cedim   | cramano   | miorava | minino  | quilomu (km)            |

|              |            |             |         |           |                 |        |
|--------------|------------|-------------|---------|-----------|-----------------|--------|
| quilibrei    | eis (eles) | aramim      | fartanu | pió       | ricurso         | istamu |
| judô(ajudou) | combota    | ricursim    | infruí  | agasai    | pirringuice     |        |
| girisa       | ũa         | branquim    | sordado | ataiei    | gimura          |        |
| trapaiô      |            | calorzim    | prainu  | ói(olhos) | isquisita       |        |
| marrotá      |            | lisim       |         | panhei    | disacupeí       |        |
|              |            | suzim       |         | pareia    | <b>o &gt; u</b> |        |
|              |            | guampim     |         | trapaiô   | muntei          |        |
|              |            | impurrãozim |         |           | tuada           |        |

Tabela 2

| Monotongaço | Ditongaço | Prótese   | Epêtese     | Metátese | Assimilação <sup>xi</sup> | Desna-salação | Reforço |
|-------------|-----------|-----------|-------------|----------|---------------------------|---------------|---------|
| danô        | rapaiz    | agraduado | dificuldade | agardici | ansim                     | viage         | birruça |
| truxi       | luitano   |           |             |          | premera                   | tamém         |         |
| chegô       | nóis      |           |             |          |                           |               |         |
| virô        | veiz      |           |             |          |                           |               |         |
| puera       |           |           |             |          |                           |               |         |

A lista acima nos parece bastante clara, portanto, discutiremos apenas alguns casos que gostaríamos de sublinhar.

Ao longo do “causo”, encontramos com facilidade um processo fonológico bastante comum na linguagem rural, o “yeísmo” que consiste na troca do lh por i. Segundo Bagno (2005), isso ocorre devido à inexistência desse som consonantal na variedade não padrão do português. Vejamos os exemplos:

“Aí fui lá arrumei um *agasai* e levei ela, falei pro dotor: — *Óia*, eu truxi a *muié*...”

“E aí, eu fui de *pareia* cu’ela, eu num sabia andá de *pareia* cu’ela, sô...”

Vimos acima que as palavras *agasalho*, *olha*, *mulher* e *parelha* foram transformados em *agasai*, *óia*, *muié* e *pareia* devido à simplificação do dígrafo “lh” nessa modalidade de fala.

Outro processo fonológico encontrado na fala do prosador, que está presente inclusive no título do “causo” (O Causo da *Bicicreta*), é o rotacismo. Esse processo (passagem do l para r) ocorre, na linguagem rural, quando o l se encontra nas seguintes posições dentro da estrutura da sílaba: como consoante prevocálica e como consoante posvocálica (cf. SILVA, 1999: 152-157). A primeira posição pode ser ilustrada pelas palavras *bicicreta*, *cramura*, *cramano*, *infruí*, e *prainu*. A segunda pode ser encontrada nas palavras *fartanu* e *sordado*. De acordo com Bagno (2005), essa é uma tendência natural da língua portuguesa visto que aparece até mesmo em obras clássicas de nossa literatura. É o que nos mostra Penha (1997), ao enumerar e descrever os vocábulos *público*, *sembrante*, *concrusão*, *crara*, *ingrés*, *prantar* e *simpres*.

Por fim, percebemos, em inúmeros vocábulos, a redução vocálica de e e i. Geraldinho, ao dizer, por exemplo, as palavras *menino*, *serviço* e *recurso*, opta pelas formas reduzidas e pronuncia *mininu*, *serviço* e *ricurso*.

“... E eu sei dum *mininu* que ele tem ãa, ele vende ela baratim...”

“... E eu num posso ficá aí não, eu tinha *serviço*, e era longe.”

“... Nesta época sô, que pegô a saí essas *bicicreta*, esses *ricurso*...”

Entre outros, os processos citados foram amplamente explorados pelo prosador, tornado-se assim relevantes ao estudo.

Paralelamente aos aspectos mencionados, no *corpus* analisado, destacamos como principal figura de linguagem a metáfora, que se apresenta de forma recorrente ao longo de toda a narração.

### Considerações Finais

Este artigo teve por objetivo analisar um típico “causo” brasileiro sob a ótica da lingüística. Através dele, teremos alguns subsídios para realizarmos um estudo mais detalhado da parcela da realidade lingüística trazida por Geraldinho.

Ao longo do estudo, pudemos perceber a riqueza lingüística do “causo” analisado. Enumeramos vários processos fonológicos nele encontrados e constatamos que o prosador é fiel à sua origem sertaneja, uma vez que transmite, de forma consistente, a fala de seus conterrâneos. Segundo Penha (1997), essa fidelidade às origens é uma característica marcante dos escritores regionais.

Ressaltamos, ainda, que o “causo” analisado possibilita várias outras análises além da exposta neste artigo. Esperamos, dessa forma, que o estudo por nós proposto seja um convite para outros olhares sobre esse fragmento da realidade brasileira e sua genuína linguagem rural.

### Referências

AMARAL, A. (1982) *O dialeto caipira*. 4. ed. São Paulo: Hucitec/INL-MEC.

BAGNO, M. (2005) *A língua de Eulália: novela sociolingüística*. 14. ed. São Paulo: Contexto.

BOLLELA, M. F. F. P. (2006a) O processo fonológico da assimilação na língua portuguesa. *Multiciência*, São Carlos, UNICEP, v. 7, p. 145-151.

GERALDINHO. O causo da bicicleta. In: GERALDINHO; ANDRÉ e ANDRADE; CARNEIRO. *Trova, prosa e viola*. Goiânia: Anhanguera Discos, p2001. 1 CD. Faixa 12 (12 min 46 s). Remasterizado em digital.

HOUAISS, Dicionário eletrônico da língua portuguesa. (2001) Versão 1.0. Rio de Janeiro: Objetiva.

PENHA, J. A. P. (1970) *A arcaicidade da língua popular brasileira*. Franca: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 296 f. Tese (Doutoramento) – Universidade Estadual Paulista.

\_\_\_\_\_. (1972) *Aspectos da linguagem de São Domingos: tentativa de descrição de linguagem rural brasileira*. Franca. (mimeo).

\_\_\_\_\_. (1975) *Alterações fonéticas e fenômenos correlatos*. Franca. (mimeo).

\_\_\_\_\_. (1976) *Vocabulário rural sul-mineiro*. Franca. (mimeo).

\_\_\_\_\_. (1983) Os Lusíadas de Camões e o português popular do Brasil. *Camoniana* (Centro de Estudos Portugueses), Araraquara: Universidade Estadual Paulista, p. 37-56.

\_\_\_\_\_. (1997) *Português rural de Minas numa visão tridimensional: na fala, nos textos regionais, nos escritores antigos*. Franca: Unesp.

SILVA, Thaís Cristóforo. (1999) *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 2. ed. São Paulo: Contexto.

## Anexo I

### TRANSCRIÇÃO: “O CAUSO DA BICICLETA”

— He he rapaiz, e a topada minha cu'essa tal bicicleta a premera vez m'isfolô tudo.

— É rapaiz?

— É...

— E cumé que foi o encontro?

— Uai minino, nesta época sô, que pegô a saí essas bicicleta, esses ricurso. Ûa ocasião... a muié arrumô lá ùa pirringuice, ùa cramura, ùa gimuuura... isquisita, aquilo num miorava. Eu rancava ùa saroba ali no terrero memo, fazia ùa xaropada, dava pr'ela bebê, foi ficanu pió. Aí, eu mainei, danô. Aí... intentei de levá ela pa cidade prum dotor dá ùa reforma nela pra mim... Há, há...

Aí fui lá arrumei um agasai e levei ela, falei pro dotor: — Óia, eu truxi a muié, o sinhô ispia o que é que tá fartanu nela e arruma ela pra mim... e eu num posso ficá aí não, eu tinha sirviço, e era longe.

Aí, rapaiz, larguei ela e fui embora e era de a pé, eu ia lá dia de sabdo pra vê cumé que tava. Segunda-fera de madrugada eu virava pa trais de a pé, era aquela dificuldade. Nesse tempo, esses ricurso que tem hoje era poco. Intão foi inu ansim, um dia, sô, eu cheguei lá um dia de sabdo já p'úas deiz hora da noite, tinha um cumpanhero lá me esperanu, queria fazê um negócio comigo, esperô... Aí eu cheguei cansado... Aí nós prusiemu ali um prazo... eu cramano pr'ele, aí ele falô: — aí Gerardim, pru que que ocê num compra ùa bicicleta?

Falei: — Deus me livre sô, nunca muntei naquilo, sei mexê c'aquilo não.

Aí ele falo: — Cê é bobo rapaiz, cum duas viage que ocê andá, ocê anda, que ocê exprementá ocê anda... E eu sei dum minino que ele tem ùa, ele vende ela baratim...

Rapaiz, e eu infruí c'aquela proposta. Aí eu fui e falei pr'ele: — Ó intão faiz assim, ocê cumbina cu'ele lá e toca esse trem pra cá pra mim... Nem buscá isso eu num sei não.

Aí ele foi imhora, quando foi dumingo já de tardinha, ele chegô lá c'aquelo aranzé, rapaiz.

Quandi ele me intrego ela, rapaiz, me deu um ripindimento, eu mainei, esse trem num presta. Aí, rudiei ela dum lado, d'oto. Pra mim tava tudo afiadim, a gente num conhecia, né. Aí, nois prosiô, logo ele foi imhora, já o sol já tava quais de entranu. Eu mainei: Ah, vô dá um repasse nesse trem é hoje memo. Peguei ela, eu mainei, eu vô lá pu campo de avião, ansim que tinha cumeçado esse campo lá. Vô pra lá que lá eu tô suzim, num tem ninguém pra fazê bagunça cumigo.

E aí, eu fui de pareia cu'ela, eu num sabia andá de pareia cu'ela, sô, ela ia me puxanu assim, eu trupicava naquele istribu dela e muntuava em riba dela. Eu já fui disgostanu c'aquilo, falei: — Esse trem num presta. Foi da rua até lá nu campu ela me derrubô treis veiz. Mai eu teimanu, vamu vê.

Chegô lá nu campu, prainu demais, virei ela pa traiz, pensei: e já eu tô lá dento da cidade. Ajeitei o cinto direito, dei um tapa na aba do chapéu. Quando eu tranquei no chifre dela, rapaiz, que eu pisei naquele istribu que eu joguei a perna no lombo dela. Inveiz dela rompê, ela virô ansim e eu, aí eu ataei e isso eu já fui c'a cara na puera e já começo saí cor nessas ponta de osso e eu tornei a levantá, limpei a terra dos ói, tornei atrancá no guampim dela e tornei a... Quandi eu passei pro lombo dela, ela tornô a refugá e eu maniei de novo. E eu luitei lá até iscurecê, ela num andô desse tanto. Ficô puído lá onde eu aninhava.

Aí eu infezei demais, falei: — Eu num dô conta de amança esse trem não.

Aí fui imhora traveiz de pareia cu'ela. Aí, eu mainei, eu jogo isso fora porque... Aí segunda-fera eu tinha que i pru sirviço, levantei cedim, eu mainei, eu já tinha refrescado aquela giriza — Ah vô leva ela cumigo, eu dô ãa esfrega boa nela é no caminho.

Aí, a rua lá na porta era discambada ansim, rapaiz, aí eu tirei ela pra fora e falei: Ah, vô começa o jogo é aqui memo. Tranquei no chifrim dela, sô, quando eu joguei a perna no pêlo dela ela já aluiu. Aí eu saí aquele trem ãa hora duma banda, ota hora dota, pelejando pa apanhá aquele prumo e ela foi azedanu.

Quandi ela gacho memo que vento tava zuanu, aí eu aprumei. Eu aprumei mai num sabia dministrá ela no rumo que precisava não. Eu só quilibrei em riba e ela no rumo que ela apontasse era aí memo. E lá imbaxo tinha um lote fechado de arame, rapaiz. A valença que era um aramim antigo, enferrujado e ela marcô no arame. Eu pelejei pr'ela vim pro meio da rua, mais num, queria que ela viesse era tudo. Num sabia que tinha que era intortá o pescoço dela não. E ela inquexo no rumo do arame. E eu tô pelejanu, tô pelejanu, quandi eu vi que ela e nós ia no arame memo, aí eu lembrei, minino, eu falei ah gente eu vejo o povo falá que santo acode a gente, agora só aburrecenu eis porque senão morre memo.

Aí, eu gritei um santo, sô, ele num tava em casa... Gritei oto, ele tava acudinu oto pr'ota banda... Até que eu gritei um mai mais agraduado, mais aí já tava cheganu nu arame... aí, quandi eu vi que ia... Eu mainei eu vô aprumá que eu bato o istamu e caio de costa. Quandi eu aprumei, rapaiz, o rodero de diante dela tamém levantô e taaaaaaaaaaa.... Nós vazô.

O santo num pode pará ela pra mim mas judô a torá o arame pra nós passá.

Aí quandi...

— Uai você num agradeceu ele não?

— Não, hora que eu disacupeei desse aranzé lá embaixo, eu num fiquei sabenu qualé que me acudiu que eu chamei eis tudo. Aí eu agardici eis tuuudo. Falei: teve bão.

Aí, lá diante a rua já deu de i acabanu aquela descida e ela foi maneranu a tuada, foi maneranu, quandi pegô um rojãozim ansim devagá, eu fui aprendê a munhecá aquele trem. Eu pisava de cá, ela virava, eu acudia de cá, ela virava. Eu mainei: mais esse trem é loco.

E aí em vai naquela labuta e eu num tinha paia de pito, sô, e eu tinha que passá beranu ãa venda e o vendero já tinha levantado, eu mainei, ali eu compro um botim de cigarro, eu cendo uns dois aí no camim, chegô lá eu dô eis prus minino. Aí, e ela lá ia passanu mais pruma banda da venda, e eu querenu que ela viesse pra banda da venda. Quandi eu vi que ela passava pra diante eu dei um gorpe nu chifre dela ansim rapaiz, ela feiz raaaap. Deitô, sô, e eu entrei dento da venda c'a unha no chão, pra num levá o nariz nu chão. Aí o vendero foi e inda danô comigo: — Uai, rapaiz, tá cainu aí, sô?

Aí, eu falei: — Não, é porque o trem trapaiô ali.

Aí, comprei um botim de cigarro, dum antiguim que tinha, branquim tudo a saí lá diante.

— Não é esse do pezinho amarelo não?

— Não.

Aí, furei ele, tirei um, puis no beijo e chamei a binga nele e tornei a muntá e tã luitanu. Ûa hora num barranco, ota hora noto e em vô.... Aquela peleja.

Foi logo perto deu ùa descambada duns treis quilomu e ela num tinha era aquele ricursim de mingüá a tuada, rapaiz. Tava só aquela forminha de ferro, que ela usa ùa borrachinha ali pa... num tinha não. Quandi ela virô ansim, ela tornô anelá cumigo e o trem foi zuanu, foi zuanu e eu chamava o dedo naquele bigode que tem pru bai'do chifre, a coisa fazia trrrrrrrrrrr... E a tuada tava do memo jeito. Eu levava o carcanhá no rodero dela, queimava o pé, eu tirava, e em vamo. E o vento zuanu. Acho que ela já nem num tava encostanu nu chão, ela ia memo. E eu num, quandi eu senti o calorzim do fogo do pito no beijo. E eu num puxei a fumaça não, o vento memo veio trazenu aquilo. Eu num podia largá do chifre dela pa acudi porque se não levava.

Aí eu pensei, hora que eu vê que quema eu guspo ele fora e já tava pensanu... tinha ùa ponte, pra entrá na ponte, tinha ùa curva, eu mainei na curva eu num dô conta de fazê, eu vô dento do rio.

Mas aí, quandi o fogo apertô que eu fui guspi ele fora, ele tinha pregado no beijo. Rapaiz! Ocê precisa de vê que maçaroca rapaiz, eu bufava que nem jumento pa vê se aquilo desapregava e o trem... Quandi eu abria a boca pa bufá, o vento fazia vruuu e inda levava o fogo pra dentro, mininu. E aí, nós já ia cheganu no mata-burro, eu mainei, aí nós vamo marrotá e eu disacupô a mão pa acudi. Pois ela passô que nem num encostô rapaiz. Quandi eu vi que ela passo nu mata-burro, eu já gritei o santo que cortô o arame lá pra mim, pa mi dá ùa cambota, pa mim disacupá a mão pa acudi que tava duenu. E ele num pôde pulá adiante prue se não eu inda ia machucá ele. Mais ele me judô a apontá ela num cupim que tinha na bera do caminho. Acho que ele ficô dũa banda e deu um impurrãozim nela nu rumo do cupim. Sô, quandi nós bateu nesse cupim, ela aprumô pa riba e eu chorei o istamu na nuca dela e passei pru riba do cupim. Maiei pra lá e ela caiu de costa. Quandi eu levantei que eu fui acudi que tava duenu já tava aquela pipoca no beijo, a boca pr'ũa banda e duenu dimais memo e o istamu tamém duenu. E eu oiei no istamu, eu mainei, uai num tinha botão de camisa, até a bainha da carça tinha relaxado. Aí fartanu ùa garra de coro tamém no istamu. Aí, eu mainei, ah é um toco certo que eu bati im riba dele. Aí eu oiei nu capim, lisim, num tinha toco. Eu mainei, esse estrago num é. Aí quandi eu rudiei o cupim que eu panhei ela, rapaiz, que eu ergui ela, que eu descubri o defeito: ela tem ùa birruga na nuca, quandi ela subiu, eu chorei o istamu naquilo e virei... Tava cheim de linha de botão, coro do istamu tudo ao redor daquela birruga.

Ai eu ainda falei suzim lá, rapaiz. Falei: Ahh aqui a miséria que m'istragô... Interô treis objeto que pra mim eu num tenho confiança mai nunca: é bicicleta e cigarro de papel e sordado tamém... Há, há, há, há...

---

<sup>i</sup> Maria Flávia de Figueiredo Pereira Bollela é Doutora em Lingüística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista (UNESP – Brasil), com Especialização em Línguas Estrangeiras pela Universidade de Nova York (State University of New York – EUA) e Graduação em Letras pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP – Brasil). É Psicanalista e Professora Permanente do Programa de Mestrado em Lingüística da Universidade de Franca (UNIFRAN – Brasil) e Professora Assistente-Doutor do Departamento de Ciências Sociais e Letras da Universidade de Taubaté (UNITAU – Brasil). E-mail: bollela@yahoo.com.

<sup>ii</sup> José Moreira Guedes Filho é Filósofo, Teólogo, Psicanalista, Escritor e Professor do Programa de Pós-Graduação da Universidade de Franca (UNIFRAN – Brasil). E-mail: jguedesfilho@yahoo.com.br.

<sup>iii</sup> A versão do “causo” analisada neste artigo foi extraída do CD Trova, prosa e viola (cf. GERALDINHO, 2001) e encontra-se transcrita, na íntegra, no ANEXO I. Uma outra versão (em vídeo) encontra-se disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=zwYiqNF0LAI>.



---

<sup>iv</sup> Na obra *A língua de Eulália: novela sociolingüística*, Bagno (2005) nos apresenta, de forma simplificada, um interessante estudo sociolingüístico voltado aos processos fonológicos característicos da variante rural brasileira.

<sup>v</sup> Outra informação relevante é a sua etimologia que, de acordo com a dialetologia brasileira, remete ao provável entrecruzamento de caso e causa. (Cf. HOUAISS, 2001).

<sup>vi</sup> A linguagem utilizada pelo prosador é quase inacessível para os falantes oriundos da zona urbana que nunca tiveram contato com a linguagem rural.

<sup>vii</sup> O vocábulo *premera(o)* foi registrado pelos escritores antigos Fernão de Oliveira e José Joaquim Nunes, e reproduzido nos textos regionais de Cornélio Pires, Valdomiro Silveira e Bruno Élis. (Cf. PENHA, 1997, p. 66-67).

<sup>viii</sup> Esse vocábulo foi registrado pelos escritores antigos Fr. A. Arrais, L. Camões, A. R. Chiado, Augusto Magne e F. S. Bueno, e reproduzido nos textos regionais de Valdomiro Silveira, F. Marins, N. Faria e M. O. Paiva. (Cf. PENHA, 1997, p. 211-213).

<sup>ix</sup> Essa forma foi também registrada pelos escritores antigos D. Eduarte, S. B. Pereira e S. S. Neto, e reproduzida nos textos regionais de L. Mota e J. G. Ricardo. (Cf. PENHA, 1997, p. 92-93).

<sup>x</sup> O vocábulo *maginar* foi registrado pelos escritores antigos L. Cartusiano, Fr. J. Álvares, S. Leite e Fr. H. Pinto, e reproduzido nos textos regionais de M. Palmério, A. O. Pereira e Valdomiro Silveira. (Cf. PENHA, 1997, p. 142-143).

<sup>xi</sup> Para um estudo detalhado do processo de assimilação na Língua Portuguesa, confira BOLLELA, M. F. F. P. (2006) *O processo fonológico da assimilação na língua portuguesa*. Multiciência, São Carlos, UNICEP.